



“Renegados” canadenses?

1700 voluntários lutaram na Guerra Civil Espanhola

Louis Gill¹

Há 80 anos, em 18 de julho de 1936, o general Francisco Franco lançou o Exército Espanhol contra o Governo Republicano eleito democraticamente cinco meses antes e mergulhou assim o país em uma guerra civil que durou quase três anos. A Guerra e Revolução da Espanha terminou produzindo aproximadamente um milhão de mortes e resultando no estabelecimento de uma ditadura que sufocou o país por trinta e seis anos.

Como é sabido, nos meses que se seguiram à insurreição militar, um amplo movimento internacional de apoio ao governo legítimo e à República atacada levou à Espanha cerca de 35.000 combatentes voluntários de 70 nacionalidades provenientes de mais de 50 países, na sua maioria recrutados pelos partidos comunistas desses países e organizados nas doravante famosas “brigadas internacionais”.

Cerca de 1.700 voluntários canadenses participaram desse mesmo elan, agrupados principalmente no Mackenzie-Papineau Batalhão da XV Brigada, da qual fazia parte os batalhões Abraham Lincoln e George Washington, dos Estados Unidos. 400 deles deram suas vidas. Centenas de outras pessoas sofreram ferimentos graves ou desapareceram sem deixar rastro.

Em um livro intitulado *Renegados, canadenses na Guerra Civil Espanhola*², o jornalista anglo-canadense Michael Petrou revelou que 78% dos voluntários eram

¹ Economista e Professor na Universidade do Québec à Montreal, de 1970 a 2001. Durante esses trinta anos – além de professor-pesquisador, foi militante e dirigente do sindicato de sua categoria (SPUQ-CSN). Em 1974 e 1975 deu aulas no Colégio Canadense de Trabalhadores. Publicou numerosos artigos sobre questões econômicas, sociais e políticas, alguns dos quais na Revista O OLHO DA HISTÓRIA. Sua obra mais importante se intitula *Fondements et limites du capitalisme* (Québec, Boreal, 1996) e teve uma tradução espanhola nas Edições Trotta de Madri em 2002. Em 887 páginas é feita a releitura da história do capitalismo e da teoria de Marx sobre seu funcionamento contraditório, ao tempo em que passa em revista todos autores importantes da economia de todos os matizes. Publicou também *Économie mondiale et impérialisme* (Boréal, 1983), *Les limites du partenariat: les expériences social-démocrates de gestion économique en Suède, en Allemagne, en Autriche et en Norvège* (Boréal, 1989). Por iniciativa do Sindicato dos Professores da Universidade do Québec publicou *Trente ans d'écrits syndicaux. Contribution à l'histoire du SPUQ* (2002) e *Le néolibéralisme*. Em 2006 publicou *Rembourser la dette publique: la pire des hypothèses*. Em 2012 publicou *La crise financière et monétaire mondiale (Endettement, spéculation, austérité)* e *Art, politique, révolution. Manifestes pour l'indépendance de l'art*, os dois por M Éditeur. Mas é também autor de um importante livro sobre *George Orwell. De la guerre civile espagnole à 1984*, pela Lux Éditeur, 2005. Resenha disponível em: < <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/gillnova.pdf>>.



novos canadenses, em sua maioria trabalhadores, principalmente da Europa Central e Oriental. 780 eram de Ontário, 350 da Colúmbia Britânica, 200 do Quebec, incluindo 59 franceses. Dois terços eram membros do Partido Comunista canadense. Muitos deles foram recrutados em campos de refugiados criados pelo governo do primeiro-ministro Richard Bennett à partir de 1932, que abrigaram dezenas de milhares de pessoas desempregadas no coração da profunda depressão da década de 1930 e oferecer-lhes o emprego em projectos de obras públicas em troca de um salário mínimo. Ao criar esses campos, este governo pretendia também se colocar contra esse "mal estrangeiro, o comunismo, [que] ameaçava a sociedade canadense", isolando e submetendo os "elementos subversivos". A situação desesperadora do mercado de trabalho e o desejo de se libertar do autoritarismo dos campos de refugiados levou muitos a "ver a luta [...] para encontrar trabalho no Canadá ligava-se aquela dos espanhóis contra o fascismo na Europa ", e que aqueles que tiveram a coragem [de resistir] mereciam toda a ajuda [que poderíamos] trazê-los" (DASSAS, SAINT-HILAIRE, 2015, p. 52-56).

Michael Petrou relata as grandes batalhas (defesa Madrid, frentes de Aragão e do Ebro), que voluntários canadenses participaram, desde suas chegada na Espanha na primavera 1937 até suas partida em setembro de 1938, momento no qual ficou evidente o fracasso do campo republicano e a vitória sem perdão de Franco. Ele se referiu às poucas vitórias, mas especialmente às derrotas e retrocessos desses combatentes "mal treinados, mal equipados e muitas vezes enviados para lutar em ataques suicidas por militares incompetentes" (DASSAS, SAINT-HILAIRE, 2015, p. 205), no contexto de uma ajuda militar deficiente e interessada de uma União Soviética preocupado principalmente de se dispor favoravelmente de modo antecipado em relação ao previsível próximo conflito mundial que se preparava e esmagando a revolução social em curso no interior do processo da guerra civil, enquanto os insurrectos liderados pelo general Franco tinham se beneficiado desde o início da assistência militar maciça da Itália fascista e da Alemanha nazista.

As duras condições em que os voluntários canadenses foram obrigados a combater levaram vários à desersão ou tentar fazê-lo, à reclamar de forma urgente para serem repatriados, chegando mesmo à auto-mutilação para tronarem-se inaptos ao combate. Até mesmo o mais alto graduado canadense na Espanha, o

² Publicado pela University of British Columbia Press, 2008, 304 páginas e traduzido para o francês por Véronique Dassas e Colette Saint-Hilaire, com o título *Renégats. Les canadiens engagés dans la guerre civile espagnole* (Renegados. Os canadenses na Guerra Civil Espanhola), Lux Éditeur, 2015, 402 páginas.



comandante do batalhão Mackenzie-Papineau, Edward Cecil-Smith, tentou desertar e para tal teria dado um tiro na própria perna para evitar seu retorno ao front. Petrou afirma que “Poucos saíram ilesos. Disenteria era galopante em todos os lugares. Muitos combatentes tinham feridas infectadas, dentes soltos [...]. Pode-se compreender que eles tenham sido numerosos à muito simplesmente entrar em colapso e quer se evadir” (DASSAS, SAINT-HILAIRE, 2015, p. 184).

Acusações infundadas de indisciplina, de anarquia, de colaboração com o inimigo, veja-se até mesmo o crime último de “trotskismo”, proferido no contexto do terror stalinista que se alastrou na Espanha sob as ordens do Partido Comunista espanhol e de conselheiros soviéticos, levou muitos deles a detenção sem julgamento em prisões políticas, onde “reinava regime ditatorial despótico”, nas quais eles foram “submetidos pela coerção e pelo terror constante” (DASSAS, SAINT-HILAIRE, 2015, p. 192). Alguns foram executados. Até mesmo o famoso médico Norman Bethune, que se tornou conhecido em todo o mundo pelo serviço de transfusão de sangue que conseguiu estabelecer no front da Guerra da Espanha entre novembro 1936 a maio de 1937 arriscando a própria vida, foi forçado a deixar apressadamente a Espanha, apenas à seis meses após sua chegada, em consequência de falsas acusações de espionagem que foram montadas contra ele.

Em contrapartida, outros voluntários canadenses não experimentaram nenhum escrúpulo em colaborar com o sistema de denúncia, de falsificação e de repressão posto em ação pela temida polícia secreta, o *Servicio de Investigación Militar*, que estava sob a tutela da polícia política soviética, a NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos).

Por que Petrou adota como título de seu livro o adjetivo *Renagados*? Porque esta é a forma como o governo canadense considerou os voluntários canadenses da Guerra Civil Espanhola. Na verdade, ele considerou-os como criminosos. É importante precisar que as “democracias” que eram a Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Canadá se recusaram a prestar assistência ao governo espanhol democraticamente eleito, da guerra que o general Franco empreendeu. Uma lei de 1937 havia proibido a participação dos canadenses na Guerra Civil Espanhola e o governo decidiu, nos termos do artigo 573 do Código Penal, processar por conspiração os recrutadores de voluntários, e em primeiro lugar o Partido Comunista do Canadá. Embora estas acusações tenham sido abandonadas, e que os voluntários retornados ao país tenham sido isentados de medidas judiciais, eles continuaram a ser espionados pela GRC (Gendarmerie royale du Canada - Royal canadian mounted police) durante vários anos.



Referência

DASSAS, Véronique. SAINT-HILAIRE, Colette. *Renégats. Les canadiens engagés dans la guerre civile espagnole* (Renegados. Os canadenses na Guerra Civil Espanhola). Paris: Lux Éditeur, 2015.